

RESENHA – REVIEW – RESEÑA

CRISTIANISMO E OCIDENTE – INTERPRETAÇÃO E SECULARIZAÇÃO

CHRISTIANISM AND THE WEST – INTERPRETATION AND SECULARIZATION

CRISTIANISMO Y OCCIDENTE – INTERPRETACIÓN Y SECULARIZACIÓN

Por: **João Roberto Barros II**

Doutorando em Filosofia pela Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos (CAPES)). E-mail: joaorbarrosII@googlemail.com

VATTIMO, Gianni. **Después de la Cristandad: por un Cristianismo no religioso**; tradução de Carmen Revilla. Buenos Aires: Paidós, 2009. 172p.¹

Com um texto simples e instigante, Gianni Vattimo nos insere na discussão sobre a relação entre o Cristianismo e o Ocidente. Mais que uma imbricação entre uma religião e uma cultura, o autor aborda o entrelaçamento entre duas histórias, às vezes fundindo-se em uma, que tanto nos influenciam no mundo de hoje. Mais que suas influências, o autor ajuda na compreensão de questões difíceis e defende que o processo de secularização que tanto marcou o Ocidente, é uma consequência da própria tradição hermenêutica bíblica.

No terceiro capítulo, *Deus, o ornamento*, Vattimo desenvolve um argumento defendendo que o pensamento pós-moderno pertence à história da salvação. Inicia o argumento resgatando a tese de Löwith, segundo a qual a Filosofia da História moderna nada mais do que a interpretação secularizadora da idéia judaico-cristã da salvação, lembrando que este autor também assinalou uma crise na teoria da interpretação (pp. 55-6). A crise de interpretação leva a considerar cada vez mais a figura de Deus como um

¹ O original da obra foi publicado em italiano com o título *Dopo la cristianità*. Garzanti: Milano, 2002.

totalmente outro. Contudo, segundo Vattimo, ao posicionar Deus como um totalmente outro nos encontramos em muitas dificuldades, pois este caminho é muito árduo para ser seguido, já que significa uma recuperação da Metafísica como estrutura estável (p. 57). Lastimavelmente, a Igreja Católica segue este caminho, enfrentando muitas dificuldades diante da sociedade ao assumir uma interpretação literal dos textos bíblicos (p. 61).

O quinto capítulo, *História da salvação, história da interpretação*, estabelece uma discussão com Schleiermacher e Heidegger. Para Vattimo, a história da interpretação está umbilicalmente ligada à história da salvação (p. 79). Apesar de serem distintas, a doutrina da salvação necessita de interpretações constantes para que o religioso não permaneça no horizonte do totalmente outro. É verdade que o anúncio da salvação se dá de uma vez por todas com Jesus, mas também esse dar-se necessita das interpretações recebidas posteriormente. A história de interpretações tem um sentido e uma direção, pois a interpretação que é desenvolvida em um dado instante e contexto é parte integrante dessa história; não podendo ser caracterizada como um conjunto de fantasias inverossímeis, avaliadas mediante um suposto sentido definitivo das Escrituras.

Voltando à influência da interpretação das Escrituras na hermenêutica moderna, Vattimo concorda que os gregos já usavam os textos de Hesíodo e Homero de forma interpretativa para a educação de suas crianças e jovens, mas a formação da Europa moderna girou também em torno da interpretação do código de Justiniano e outro conjunto de textos que podem, talvez, não ter relação direta com a Bíblia. Segundo Vattimo, sem dúvida, a interpretação de códigos legais e obras literárias não originou a idéia da produtividade do ato interpretativo. Este ato produtivo nasce do desejo de entender o texto melhor que o próprio autor e tem suas raízes na própria tradição judaico-cristã da revelação e da salvação. O fato de que a cultura europeia da Modernidade tardia haja descoberto a produtividade da interpretação, é resultado da interpretação que essa cultura fez da mensagem cristã (p. 81).

O que parece mais importante para Vattimo é não tematizar a secularização sob a pecha de um afastamento da matriz religiosa (como feito por Blumenberg e outros), mas como processos de interpretação e aplicação enriquecedora dessa matriz (p. 83).

Obviamente, nem toda secularização é boa e positiva, nem toda interpretação é válida; toda interpretação que se vem a produzir, carece de uma aparência de validade frente a uma comunidade de intérpretes. Segundo Vattimo, a referência à comunidade

como critério de validade da interpretação não pode prescindir do reconhecimento de que tal critério resulta legítimo somente a partir da ontologia hermenêutica, que substitui uma concepção do ser que se dá de uma vez por todas (p. 87).

No capítulo sétimo, intitulado *Cristianismo e conflitos culturais na Europa*, Vattimo volta a tematizar o papel da doutrina cristã frente aos desafios de nossos tempos. Desenvolvendo o argumento, o eurocentrismo não vige mais e, portanto, suas experiências já não podem ser o crivo final para outros contextos. Diante disso, as perguntas que se nos apresentam são: (1) será que essa solução liberal ainda funciona?; (2) é possível assumi-la como modelo para o tratamento dos conflitos interculturais? (p. 121).

Para perceber que o laicismo europeu é essencialmente de origem cristã, basta contrastá-lo com outras culturas. Para se estabelecerem condições laicas com que as culturas religiosas possam conviver, proíbe-se o uso demasiado visível de qualquer artefato que represente um símbolo religioso. Tal proibição se dá sob o argumento de que tais símbolos poderiam dar lugar a conflitos justamente por serem afirmações excessivamente marcantes de uma identidade cultural. Contudo, como se pode notar, essa identidade cultural, que seria afirmada de maneira demasiado explícita, é uma identidade minoritária. Para exemplificar este argumento, se compararmos a proibição do *chador* com a quase geral aceitação da presença de símbolos cristãos nas escolas europeias, nos damos conta dos traços de nossa situação (p. 129).

A verdade é que a forma clássica da idéia de pluralidade das culturas que se desenvolveu no Ocidente moderno é a forma eurocêntrica que hoje já não nos serve. Esta forma clássica de pluralidade era vertical, e colocava as outras culturas em uma linha evolutiva cujo ponto mais alto era a civilização cristã do Ocidente. Com isso era levado o modelo de laicidade, de liberalismo e de democracia. A dita forma clássica imbuída de uma visão evolucionista da história entrou em crise não somente por motivos teóricos, mas sobretudo por motivos práticos como a queda do colonialismo e as múltiplas formas de imperialismo (p. 123).

Com as novas relações que se dão entre visões de mundo distintas neste mundo pós-colonial, o cristianismo não pode pensar em cumprir sua vocação missionária se continua a acentuar sua especificidade doutrinal e disciplinatória. O cristianismo, assim, deveria passar do universalismo à hospitalidade, afirma Vattimo (p. 127-8).

Aqui temos um tema do qual não se pode esquivar: o significado que adquire a religião para grupos sociais em busca de uma identidade; identidade esta que os salve da situação de anomia em que se encontram devido à evolução do mundo industrial tardio (p.109). Junto à gravidade e novidade dos problemas que advêm desse processo, a carência de identidade é outro potente fator de reavivamento da religião em nossa sociedade ocidental.

No nono capítulo, *Violência, Metafísica, Cristianismo*, Vattimo acrescenta que a violência hierárquica da Igreja-instituição se insinua no cristianismo a partir do momento que este se alia à metafísica como ciência do ser enquanto ser, isto é, como saber incontestável. As razões e circunstâncias dessa aliança são múltiplas, começando pelas responsabilidades que a Igreja herdou do Império Romano como único poder, também temporal, em um mundo transformado pela dissolução deste último. Nesse contexto, acontece a identificação da Igreja-instituição com a doutrina de Platão/Plotino, considerando a Igreja-instituição como ápice de um caminho que leva ao conhecimento e, portanto, ao aperfeiçoamento da própria humanidade. Daí a conclusão óbvia, de que tudo que se contraponha a ela, incorra em um erro grotesco e inadmissível, considerando que estaria uma ação contra a própria natureza (p. 148).

E a esta altura da trajetória argumentativa, deparamo-nos com uma questão-chave: por que confiar na certeza das evidências metafísicas mais que na interpretação que a comunidade dos crentes faz da palavra divina em relação com o sempre mutante devir histórico? A resposta à questão não pode estar muito distante desta: porque se pensa que Deus é imutável (o Deus da metafísica), ao que seria atribuir também a criação do mundo no tempo. Soma-se a isso, o fato de todas as evidências metafísicas estarem protegidas de toda eventual liberdade, estando nas mãos da autoridade que é sua depositária definitiva (p. 152). Esse estado de coisas não pode persistir justamente porque a vida do cristão é essencialmente histórica e, portanto, está determinada pelos marcos culturais e vitais nos quais se encontra (p. 167).

A tese que Vattimo tenta sustentar é que o Ocidente é essencialmente cristão à medida que o sentido de sua história se mostra como o ocaso do ser, o debilitamento da dureza do real, através de todos os procedimentos de dissolução da objetividade que a Modernidade trouxe consigo (p. 98). A secularização é o debilitamento do sentido da

realidade que se produz nas ciências que estudam entidades cada vez menos contrastáveis com as coisas de nossa experiência cotidiana.

Apresentando brevemente algumas posições importantes sobre a secularização, vemos como pertinente abordar outros autores: Max Weber, Hans Blumenberg, Carl Schmitt e Giacomo Marramao.

Weber aponta a secularização em apenas um sentido: o desencantamento do mundo. Para ele a Modernidade não significa outra coisa se não a saída da função estruturante da religião frente à sociedade. Blumenberg, por sua vez, afirma que a secularização não se trata de uma transformação de categorias cristãs com um verniz laico, mas sim de uma forte dissolução de todos os valores anteriores e uma afirmação da liberdade e da autonomia do sujeito moderno. Schmitt assinala que a tese de ruptura da Modernidade com o Antigo regime não passa de uma estratégia retórica em benefício da primeira. Segundo Schmitt, o pensamento moderno vale-se de uma volta às teologias políticas e sublinha a permanência de categorias religiosas nas teorias políticas modernas. Marramao, não concordando com a tese de Weber e se posicionando em um termo médio, salienta que o modelo de história orientada está em uma crise profunda, e que a secularização está limitada em seus dois extremos: por um lado o desencanto realizado pela ciência, e por outro lado o retorno do mito em nossas sociedades.

A posição de Vattimo não se fixa tanto no aspecto ético ou político da secularização, mas sim no âmbito mais hermenêutico e metafísico desse processo que é tão controverso, rico e aberto a novas abordagens. No que toca à hermenêutica e à metafísica, Vattimo defende uma continuidade entre a matriz cristã e a Modernidade.

Finalizando nossa resenha, consideramos que os fundamentalismos de hoje também se disseminam em forma de nacionalismo (apenas para citar a situação de alguns países muçulmanos). Entretanto, no caso em que nos detemos, esse fundamentalismo se percebe mais politicamente na forma de um comunitarismo. Acabados os grandes metarrelatos globais, não sobra alternativa senão a pertença a algo, situação na qual as verdades são avaliadas somente como correspondência aos paradigmas da própria comunidade. Destacamos que tal é o caso das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) no Brasil, onde o retorno ao religioso acompanhou amiúde esses comportamentos, que ademais constituíram sua força e o fundo que os sustenta. As CEBs foram um produto de uma interpretação original e atualizada diante dos desafios

sociais do Brasil e da América Latina a partir da década de 1960. As CEBs foram um conjunto de comunidades católicas alimentadas pelo imaginário da teologia da libertação, buscando melhorias sociais que atendessem às suas necessidades reais.

Tal debilitamento produz-se também no plano do imaginário, já que o mundo das necessidades naturais já não funciona como realidade-base, pois não sabemos mais o que são estas necessidades, tamanha é a manipulação a que estamos submetidos em nosso imaginário por parte do mundo da produção e da publicidade.

A história da hermenêutica moderna, dentro da qual a Reforma protestante foi um momento relevante, é também um largo caminho de redescobrimto da Igreja, pois a própria Igreja tem um papel central na chegada de uma ontologia hermenêutica. Nesse modo de conceber e viver a Igreja como comunidade de referência para a validade-continuidade da história da interpretação, percebemos uma tendência de maior resignificação em alguns grupos da própria Igreja.

Julgamos essa colaboração de Vattimo particularmente importante tanto para pensarmos o caso das CEBs, como também o caso da ascensão do movimento pentecostal evangélico, com suas inovações interpretativas diante de um cenário histórico como o das grandes metrópoles.

Resenha:

Recebido em: 20/04/2010

Aceito em: 17/06/2010